

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

Premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial do Porto em 1897 e com o Grande Diploma de Honra,
na Exposição da Imprensa, Lisboa 1898

IMPRESSA À CUSTA DO ESTADO

A importancia total da venda d'esta publicação reverte a favor
das «Officinas Branco Rodrigues»

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>PREÇO DO VOLUME Um anno—14 numeros 500 réis</p>
--	---	--

INSTITUTOS ESTRANGEIROS

VISITADOS PELO

REDACTOR D'ESTE JORNAL

ITALIA

Instituto dos cegos de Milão

IV

Instrucção e educação

§ 2.º — Desenvolvimento intellectual

O fim a que o Instituto se propõe com a instrucção do cego, é torna-lo apto para escrever e para fallar convenientemente segundo as necessidades ordinarias da vida. A instrucção que se ministra é puramente elementar, um pouco de tudo, mas bem, á excepção da instrucção musical, que se procura que seja o mais completa possivel.

As disciplinas que se ensinam são as seguintes: Instrucção religiosa; grammatica italiana; composição; arithmetica, até á regra de tres; elementos de physica, de geometria, de historia natural; nomenclatura dos objectos mais communs; geographia e historia. A alguns é concedido tambem o estudo da lingua francêsa.

O curso do ensino é dividido em quatro classes, com duas turmas cada uma. Nas duas primeiras classes da secção masculina e na primeira da secção feminina, os mestres são cegos, antigos alumnos do Instituto.

Não ha nenhum inconveniente em utilizar d'este modo o trabalho dos cegos, tendo-se a vantagem de utilmente empregar, o que é sempre bastante difficil, alguns d'esses desventurados, e de obter no ensino um exercicio de paciencia, que especialmente é necessario para os mais pequenos, e que seria difficil de encontrar nas pessoas que teem vista.

Methodo de leitura.—Dois são os methodos de leitura em uso no Instituto: os caracteres communs em relevo, e os caracteres de pontos tambem em relevo segundo o systema Braille. Ensina-se o primeiro methodo, para que os cegos possam ler livros que os videntes leiam, mas principalmente para que o cego escreva de modo que possa communicar-se com os mesmos videntes.

Ensina-se o methodo Braille, porque é para o cego o mais facil para se ler e para se escrever, e o mais commodo e o menos dispendioso para a communicacão dos cegos entre si. No uso, pôde dizer-se universal d'este systema, está a sua melhor recommendação.

Os alumnos são instruidos nos dois systemas mediante alphabetos em relevo; começa-se, porém, pelo ensino dos caracteres communs, como o mais necessario para aprender tambem a escrever, e porque, sendo menos acceito, o cego aprende-lo-hia com menor vontade, se já tivesse conhecimento do systema que elles mais preferem: o systema Braille.

Methodos de escripta.—Os methodos de escripta actualmente em uso no Instituto são tres: o systema Braille, o Foucault e o systema da *matita*.

Desde que o Instituto existe, muitissimas e continuas foram as experiencias feitas para escolher qual fosse o melhor systema de escripta para os cegos, quer para o seu uso, quer para communicar com os videntes.

Foi adoptado o systema Braille, porque é de todos o que mais depressa se escreve, e é de mais facil percepção, conservam-se por muito tempo os seus pontos, ainda mesmo com uso continuo; é pouco dispendioso e occupa

um espaço relativamente pequeno, e, em summa, porque com elle se escrevem todos os signaes de musica, o que constitue uma vantagem importantissima.

O systema Foucault, tanto com os caracteres em relevo, como com os negros lisos, estava muito em uso antes de ser introduzido o systema Braille e o da *matita*. Agora o systema em caracteres salientes está quasi inteiramente abandonado, e só se conserva o de caracteres negros lisos.

O systema mais em uso para communicar com os videntes é o da *matita*. Esse systema foi inventado no Instituto de Milão e adoptado depois de muitas tentativas e lentos aperfeiçoamentos.

Serve para escrever a letra commum com lapis, sem relevo.

Arithmetica.—O estudo da arithmetica faz-se com dois exercicios: o exercicio da memoria e o exercicio material das operações. Era desconhecido em Italia o uso do *cubarithmo* do fallecido Emilio Martin, hoje adoptado em todas as aulas de França. Tive occasião de fazer a propaganda d'aquelle engenhoso invento na minha viagem ao continente Italiano e á Sicilia.

Luiz Vitali, reitor do Instituto de Milão, assim como os directores dos outros Institutos de cegos de Italia, que visitei, depois de lhes ter feito a descripção e explicado as vantagens d'aquelle simplicissimo aparelho¹, affirmaram-me todos que iam adquiril-o e com certeza substituir com elle o systema usado, que é de veras condemnavel. Servem-se de numeros vulgares em metal dispostos em caixotins semelhantes aos typographicos. Para executar as operações arithmeticas tem uma tábua, onde estão dispostos em linha uns orificios, em que collocam os algarismos metallicos. São grandes as desvantagens d'este systema, que em breve não estará em uso.

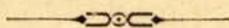
Geometria.—Como só se ensina a geometria elementar, em vez das figuras em relevo no papel empregam-se as figuras geometricas em madeira, das quaes ha uma grande quantidade tanto na secção masculina, como na feminina. Com ellas os alumnos aprendem a conhecer as tres dimensões.

Com um disco de madeira, dividido na sua peripheria com pequenos pregos, e com um cordel preso ao disco, o qual pôde tomar qualquer direcção, designam-se sobre o plano do disco, as linhas geometricas.

¹ Descripto a pag. 33, vol. 1 do *Jornal dos Cegos*.

Geographia.—A geographia, como parte integrante do ensino ordinario, é ensinada verbalmente, como todas as outras disciplinas; como subsidio material são usados os mappas especiaes em relevo. São os mesmos usados pelos videntes, mas os continentes, as ilhas, os montes, os rios, os mares, as cidades estão indicados em relevo, por meio de fios de arame e pequenos pregos, applicados sobre os mappas.

Com este programma de estudos, devidamente applicado, dá-se aos alumnos uma instrucção tal, que elles ao cabo de oito annos de estudo, saindo do Instituto, estão habilitados a ler correntemente os caracteres communs em relevo e os caracteres em pontos do systema Braille; a escrever com o systema Braille, com o de Foucault, e com a *matita*; a executar as primeiras e mais necessarias operações de arithmetica, a responder ás noções elementares de physica, historia natural, geographia e historia, e a escrever cartas e composições litterarias.



ASYLO DE CEGOS DE S. MANUEL, DO PORTO

Para commemorar a celebração do IV centenario da sua instituição, resolveu a Santa Casa da Misericordia da cidade do Porto augmentar a serie dos seus estabelecimentos de ensino e beneficencia com a instituição do Asylo de Cegos.

Esta idéa foi lançada em assembléa geral da irmandade, em agosto de 1898, e a partir de então começaram a affluir os legados para esse fim.

Principiou já a construcção do edificio na quinta onde está installado o Instituto de surdos-mudos Araujo Porto, e por todo o futuro anno de 1900 deve estar a funcionar. A obra é feita á custa do bemfeitor M. S. (anonymo por elle imposto.) A planta do edificio é n'um só pavimento, que corre na extensão de 118 metros por 20 metros de largura. Tem alojamento para cem asylados, ficando divididas as secções de adultos e menores, sexo masculino e feminino.

A planta foi feita pelo engenheiro inspector das obras da Misericordia, Cazimiro Jeronymo de Faria.

Os capitaes destinados a este Asylo, depois de feitas as liquidações dos testamentos com que tem sido até hoje contemplado, deve exceder a somma de 60:000\$000 réis, valor effectivo.

A IMPRENSA E O JORNAL DOS CEGOS

ENSINO OFFICIAL DOS CEGOS

(Concluido do numero antecedente)

Em Portugal, como em toda a parte, ha duas especies de creanças cegas: as ricas ou remediadas e as pobres.

As primeiras, que merecem sempre os cuidados de suas familias, são educadas em casa — e raras são as que se matriculam em institutos.

As pobres, essas constituem uma fonte de receita para os paes, porque, mendigando, podem sustentar a familia e até alimentar os vicios de seus progenitores. Por isso, em toda a parte do mundo, é difficil o recrutamento de creanças cegas para as escolas.

Em França, onde existem as melhores instituições para cegos, nas quaes se ministra um ensino completo intellectual e profissional e se proporciona aos cegos os meios de obterem a sua subsistencia pelo trabalho, esta difficuldade de recrutar alumnos existe, como nos outros países.

Para a obviar, foi decretada uma lei que manda deter todas as creanças cegas que mendigam no departamento do Sena. Essas creanças são internadas na *Escola Braille*, em *Saint-Mandé* (arredores de Paris), onde se conservam até aos vinte e um annos.

Se as familias consentem que ellas sejam matriculadas na escola, podem ir visita-las e te-las em casa durante as ferias.

Se se oppõem, as creanças são internadas da mesma fórma, as familias não as podem visitar nem te-las em sua companhia durante os dias feriados.

Apesar da população d'esta escola ser de cento e cincoenta alumnos, em 1895, quando o signatario d'estas linhas a visitou, só *dois* alumnos estavam n'esta ultima condição.

*

Em Portugal tambem tentámos dar instrucção a cegos pobres.

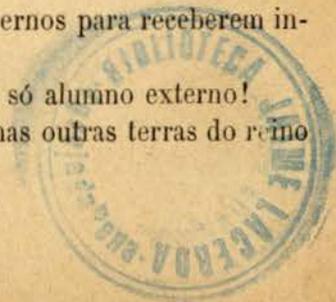
Tivemos para nos auxiliar n'essa tentativa, o nosso saudoso amigo dr. Thomaz de Carvalho, provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

Ali fomos por 1890 começar a ensinar um ceguinho que lá havia, que hoje é um dos melhores artistas das *Officinas de Castello de Vide*, e um outro que aquelle illustre homem de sciencia admittiu na Santa Casa propositadamente para receber as nossas lições, mas que pouco tempo depois morreu.

Por esse tempo e com o consentimento e applauso do dr. Thomaz de Carvalho, annunciámos nos jornaes que a Santa Casa admittia alumnos cegos externos para receberem instrucção, e aos quaes se lhes daria de jantar.

Pois apesar d'estas vantajosas condições, não appareceu um só alumno externo!

Ora, se na capital se deu este facto, o que não aconteceria nas outras terras do reino se se instituísse o ensino dos cegos nas escolas primarias?



Para melhorar a sorte dos cegos, para se fazer o que está posto em pratica em todos os países do mundo civilizado, bastava crear em Lisboa um estabelecimento convenientemente desenvolvido, mas analogo á nova instituição das *Officinas de Cegos* de Castello de Vide, que desde dezembro de 1895, epocha em que foram fundadas, tem produzido notaveis resultados, reconhecidos pelo publico e pela imprensa.

Se Lisboa possuísse um estabelecimento da mesma natureza, se o governo puzesse em vigor as propostas suggeridas no projecto para a fundação do *Instituto Nacional de Cegos*, de que fomos encarregados, e que por isso não podemos tornar publicas, realisar-se-hia o que, a nosso ver, resolveria melhor n'esta conjunctura o problema do melhoramento da sorte dos cegos no nosso pais. — *Branco Rodrigues*.

OS CEGOS NA ESCOLA

Sob esta epigrapha publicou o illustre escriptor sr. Arthur Lobo d'Avila, no *Jornal do Commercio*, um interessante artigo que revela a louvavel intenção de melhorar a sorte dos cegos, tão descurada em o nosso pais.

É digno, por isso, do mais sincero elogio, pois rarissimos são os escriptores portugueses que se tem occupado d'esse momentoso assumpto.

Infelizmente o sr. Lobo d'Avila não é versado, ao que parece, na pedagogia e didactica especial dos cegos.

No artigo de hontem diz:

«Que quem pretender habilitar-se com uma idéa justa das condições psychologicas e moraes, em que a falta do sentido da vista colloca uma grande parte da humanidade privando-a do convivio geral da sociedade vidente e de muitas regalias sociaes, deve ler a carta de Diderot sobre os cegos.»

O conselho do sr. Lobo d'Avila é pouco aproveitavel a quem se queira instruir na arte e na sciencia de ensinar cegos.

Diderot viveu e morreu antes de se ter iniciado o estudo verdadeiramente scientifico dos cegos. O seu escripto, de muito interesse para o tempo em que appareceu, pertence á historia, e já em 1828 o cego Rodenbach combatia as asserções do celebre encyclopedista.

Devia o sr. Lobo d'Avila citar antes o *Encyklopädisches Handbuch des Blindenwesens* do professor Alexander Mell, que acaba de se publicar em Vienna d'Austria, e no qual vem relatado tudo quanto se tem feito em todos os países do mundo civilizado a favor dos cegos, e condensados os elementos da pedagogia e didactica respectivas.

Devia citar depois a revista de typhlogia «*Valentin Haiüy*», impressa em Paris, que trata de todas as questões relativas aos cegos.

Devia citar o *Amico dei Ciechi*, do professor Landriani, de Florença.

Devia citar o *Bliudenfrend*, revista allemã que se publica em Berlim, e os jornaes inglezes e americanos que se referem ao ensino dos cegos.

Muito especialmente devia citar as obras de Mauricio de la Sizeranne, o celebre typhlogo parisiense, que tem dedicado a sua vida ao estudo da sciencia e arte de ensinar os seus companheiros do infortunio, porque elle é tambem cego.

Devia citar a *Bibliothèque d'éducation spéciale*, do dr. Bourneville.

Devia citar a mais moderna de todas as revistas que se publica em França, a *Revue internationale de pédagogie comparative*, que se occupa do ensino dos entes anormaes em geral: dos cegos, surdos-mudos, dos gagos, dos idiotas, dos estropiados e indisciplinados, redigida por medicos e professores dos mais eminentes da França e de outros países da Europa e da America.

Devia citar estas publicações, mas não as citou.

Referiu-se apenas á collecção do meu *Jornal dos Cegos*, simplesmente para dizer que é impresso á custa do Estado.

E n'essa referencia commetteu uma omissão grave, que eu supponho não fosse intencional, mas que leva a má interpretação dos factos, não mencionando tambem que o producto da venda d'essa publicação reverte a favor das primeiras *Officinas dos Cegos*, que se estabeleceram no nosso país, as unicas que existem em Portugal para creanças cegas.

Termina o seu artigo de hontem, promettendo pôr em evidencia n'um outro, como seria facil ao Estado fazer aquisição do material com que é necessario dotar as escolas communs (de videntes) para ministrarem instrucção aos cegos.

Espero ler esse artigo, que deve ser interessantissimo.

Não é singular, porque está perfeitamente de accordo com os maus habitos litterarios e pedagogicos do nosso país, apresentar soluções de problemas que estão completamente em desaccordo com a experiencia e theoria dos homens que teem estudado nos países mais adiantados, com o maior zêlo e competencia, esses problemas.

Recorrer ao ensino dos cegos na escola dos videntes, allegando motivos de qualquer natureza que elles sejam, inclusivé as más condições financeiras do país, é pura e simplesmente mostrar completo desconhecimento ou triste falta de comprehensão dos resultados perfeitamente seguros e geralmente acceitos fóra d'este quadrilatero de 89:000 kilometros quadrados, em que tanta ignorancia jactanciosa se pavoneia.

Bastaria a experiencia infeliz de Blanchet, em que ainda assim os cegos não recebiam exactamente o mesmo ensino que os videntes, para demonstrar que o caminho que o articulista propõe é errado.

Impõe-se a educação dos cegos em institutos especiaes em que não basta o simples externato, se se quer chegar a resultados verdadeiramente efficazes, se se quer dar ao cego autonomia de acção, sem a qual continuará a ser o mesmo infeliz, que era, antes dos maravilhosos resultados consignados nas publicações a que me referi.

Visite o articulista os estabelecimentos estrangeiros destinados á educação dos cegos; colha da bôca dos seus directores e professores as doutrinas que a experiencia e a theoria confirmada por aquella lhes fazem adoptar; mergulhe a fundo na investigação da litteratura educativa para que lhe chamâmos a attenção, e estamos certos que o seu espirito, naturalmente bem formado, mas no momento influido por alguma má suggestão, reconhecerá a verdade.

Ficarei por aqui, porque com os que negam ou desconhecem os principios não ha discussão, segundo um velho proloquio. = *Branco Rodrigues*.

(Do *Jornal do Commercio*, de Lisboa.)

INDICE DO 4.º VOLUME DO JORNAL DOS CEGOS — 1898-1899

A Senhora Duqueza de Palmella, por Luciano Cordeiro	293	Museu Typhlogico para o Ensino dos Cegos	321, 329, 336, 344, 360
Officinas Branco Rodrigues, Officio da Direcção do Asylo de Castello de Vide	294	Uma sessão festiva de um Instituto de Cegos dos Estados Unidos da America do Norte, por Alvaro Coelho . . .	325, 333
Ensino dos cegos, por Branco Rodrigues	296, 317	Os Cegos, poesia de Valentim Magalhães	328
Meditações sobre o Evangelho, por Bossuet.	300	Os Cegos de Lisboa.	331
Profissões para os Cegos, por M. Hall. .	301	Exposição de Paris em 1900.	335, 369
A Imprensa e o <i>Jornal dos Cegos</i> , 306, 323, 339, 345, 352, 361, 370, 378, 388, 395.	401	D. Vicente Marçal.	341
Donativos para as Officinas Branco Rodrigues.	308	Institutos Estrangeiros, visitados pelo redactor d'este jornal.	349, 357, 365, 373, 383, 389
Methodo Estenographico para uso dos Cegos	309	Bibliographia typhlogica.	356
Instituto Nacional de Cegos.	319, 342	Donativos aos cegos	347, 355, 364, 372
Livro de Poesias para Cegos.	320	Emilio Martin.	368
Revista Internacional de Pedagogia comparada	320	Correspondencia.	371, 379
		Instituto de cegos do Porto	375, 387, 392
		O avô de Branco Rodrigues	381
		Castello de Vide.	393
		Asylo de cegos de S. Miguel, do Porto	400

AOS ASSIGNANTES DO JORNAL DOS CEGOS

Com o presente numero completa o «Jornal dos Cegos» o quarto anno de existencia, e termina com elle o quarto volume d'esta revista de typhlogia.

A importancia das assignaturas continuará a ser cobrada por intermedio do correio, pelo rev.

Padre Severino Diniz Porto, prior de S. João de

CASTELLO DE VIDE,

para ser entregue ao instituidor das «Officinas dos Cegos», o sr. Antonio José Repenicado, de Castello de Vide.